

Fala-se da Pessoa cujo Marido Morreu, de Sonia Daniel

Tradução Danielle Lopes

Adaptação Augusto Marin

Telão de fundo branco. Música. "My heart belongs to daddy" (música tema que será tocada ao longo da apresentação). Projeção de imagens de um álbum de família com a particularidade de serem protagonizadas por bonecos. No final da projeção, uma mulher de meia-idade, A Viúva, entra em cena. Ela está vestida e penteada no estilo dos anos sessenta. Ao seu lado uma casa de bonecas, com os mesmos bonecos que vimos na projeção: a boneca que representa a viúva, outra a sua filha adolescente e seu marido. Com um movimento amoroso pega o marido, leva-o atrás da pequena casa e reaparece com um pequeno caixãozinho. Reconfigura a cena familiar que agora se transforma em um pequeno velório, olha para o público, geme, tenta falar, emite sons ininteligíveis, recupera lentamente a respiração.

A Viúva: deve existir um destino de viúva. Na minha família, existe um destino de viúva. Todas as mulheres ficam viúvas. Minha irmã passou o mesmo com Alfredo, meu cunhado... morreu. Estava celebrando com Sergio vinte e cinco anos de casamento. Ficamos um ano e meio planejando a festa ... e vinte e três anos e meio planejando o momento em que planejaríamos a festa do nosso vigésimo quinto aniversário! ... Saí de casa, fui comprar abacates para fazer a guacamole enquanto o pernil assava na grelha. (Pausa) Na grelha de casa, porque o Sergio era um mão

de vaca. Depois de ver o preço de um pernil flambado, ele disse: "vamos fazer em casa!" e construiu um forno totalmente novo pra cozinhá-lo. É como um forno especial. (Irônica) Muito prático. Que serve apenas para cozinhar pernis flambados, é claro... Porque nós íamos comer pernis flambados nos próximos vinte e cinco anos! (Pausa) Eu saí, fui comprar os pimentões. (Silêncio, mudança de estado) E quando voltei, encontrei Sergio morto, estirado no chão. A sacola com os abacates se soltou da minha mão e todos caíram em leque, um ao lado do outro de forma simétrica em torno do Sergio.

Eu nunca tinha visto uma pessoa morta. Eu nunca tinha visto o Sergio morto, ou seja, já tinha visto o Sergio fazer um montão de coisas, em muitas situações, exceto em situação de morto. Ou seja, de estar tão, tão... efetivamente morto! (Pausa, mudança de atitude) Eu economizei o trabalho de avisar os parentes um a um da morte do Sergio, até porque eles já tinham sido convidados para a festa. E a minha sogra iria se dar conta no dia a dia, já que ela vive isolada. Convidei-a pra festa e ela me disse que não viria, só pra me contrariar, então nem perdi tempo em convidá-la para o velório. Você acha? Além de eu estar sofrendo pelo desaparecimento de um ser querido ainda ter que delimitar território, como quem diz ... não!

Não vou negar que alguns parentes ficaram muito impressionados. Não é o mesmo, chegar pra uma festa e encontrar um velório. Um velório com música de fundo. Quase tudo Bola de neve. Porque Sergio e eu somos... (Corrigindo-se) Nós éramos fãs do Bola de neve... (Esclarecendo) Ele é um cantor, não uma sorveteria. (**Toca Bola de Neve cantando "Vete de mi",**

A Viúva canta enquanto vai ficando desesperada, olha para o céu, se despede com gestos descontrolados) Tchau, Sergio! Tchau! Tchau!

(Se recompõe abruptamente) Eu casei com meu primeiro namorado, aquele com a metade da medalhinha. Eu ainda a guardo, (mostra o pingente que fica no seu pescoço) conseguem ver?, tem o seu nome: Sergio. Ele tinha uma igual com meu nome. (Silêncio) Eu me chamo... (hesita, toma coragem, fala) Talula. Não sei o que passou na cabeça do meu pai! No dia que me registrou no Cartório devia estar bêbado ou drogado; ou tomou um energético... Qualquer uma das três coisas, ou as três! (Pausa) Sergio não a usava e eu percebia por um pequeno detalhe. Sabem por quê? Porque ele não a tinha. Para mim ele a perdeu... Porque o que o Sergio tinha de mão de vaca, ele tinha de perdedor (esclarecendo) digo ... no sentido que perdia tudo... Deixava uma coisa em um lugar e depois estava em outro... (Muda de estado) Quando vi o Sergio morto, liguei pra polícia. (Segue em direção de um pequeno telefone que está na casa de bonecas, pega-o) Disco... (som de discagem) e escuto um atendedor automático que diz:

(Voz em off): "Bem-vindo ao serviço de auxílio a lista... Nós já vamos te atender, mas antes escute o que temos para você.... Se você deseja consultar um número telefone, disque 1. Se deseja consultar um código de área nacional, disque 2. Se deseja entrar em contato com o departamento comercial, desligue e ligue 1058".

(Corta abruptamente) Não acredito que em lugar de discar o numero da polícia, disquei o número da empresa de telefonia! Tento novamente, disco 190. Me atende uma operadora, humana, por sorte:

Talula: Oi, eu queria denunciar a presença de uma pessoa morta.

Operadora (em off): Desculpa?

T: Meu marido morreu.

Operadora (em off): Teve um ataque?

T: Sim. Algo ou alguém o atacou.

Operadora (em off): Sabe quem o matou?

T: Ah, não sei. Isso quem tem que averiguar são vocês. Pra que eu pago meus impostos?

Operadora (em off): Onde está agora?

T: Eu? Na minha casa.

Operadora (em off): Não, senhora, o corpo.

T: Também está na minha casa.

Operadora (em off): Não, senhora, em que parte está...

T: Na sala de estar.

Operadora (em off): Senhora, onde você mora?

T: Eu já lhe disse, na minha casa.

Operadora (em off): Não, senhora, o endereço.

T: Ah, sim. Rua da Consolação, 1218, na Consolação, bem perto do cemitério.... Que coincidência! Nunca reparei.... !

Operadora (em off): O corpo se encontra em decúbito...

T: Não entendi...

Operadora (em off): Se o corpo se encontra em decúbito dorsal, ventral, lateral...

T: Isso, tá frio como gelo, acho que faz umas duas horas que está morto.

Operadora (em off): Está de costas ou de frente?

T: Meio a meio.

Operadora (em off): Como meio a meio?

T: Sim, está esparramado para ambos os lados.

Operadora (em off): Senhora, me diga o sobrenome.

T: De solteira ou de casada?

Operadora (em off): Do cadáver.

T: Ah, Sergio Fernández Uristimuiño.

Operadora (em off): Documento?

T: O meu? Um, sete, dois, quatro...

Operadora (em off): Não, senhora... do morto.

T: Não lembro de cor. Vou procurar, deve estar no bolso do paletó.

(Sai de cena)

Voz em off de Talula: Ah, não! O que você fez comigo, Sergio? Por quê, Sergio? Por quê?

Vem com uma correntinha e o documento de identidade na mão.

T: (Chorando) Escondia a metade da medalhinha na carteira junto dos documentos! **(Vai até o caixãozinho)**

T: Por quê Sergio, por quê? **(Chora sobre o caixão. Se sobressalta. Volta ao telefone)** Senhorita, o documento é... **(para plateia)** Desligou! **(Talula coloca a correntinha dentro do caixão como se fosse uma cerimônia, logo tira a que tem em seu pescoço e realiza a mesma ação)**

A polícia demorou duas horas para vir. Minha filha Brenda, não estava em casa. Liguei para ela, também levou duas horas pra vir. Já vou, mãe!, me disse. O que você quer, mãe? Estou na casa de uma amiga! Estou deprimida! Fiquei sentada um **tempão** olhando fixo o cadáver do Sergio

no meio do monte de abacates. Parecia um quadro de algum pintor surrealista. Todos estavam demorando... a polícia, minha Brenda, todos estavam demorando pra chegar.

Pela primeira vez em muitos anos, Sergio e eu passamos duas horas sozinhos e juntos. Eu fiquei olhando para o cadáver do Sergio e pensei... Que como já havíamos alugado o salão para a festa, não ia alugar uma sala pra fazer o velório! Imagina, o dobro do gasto! Então fizemos o velório no lugar da festa.

Tinha balões no velório. O salão já estava decorado e permaneceu assim. Com os centros fizemos uma grande coroa. Que lindo! Tinha uma faixa violeta que dizia "seus convidados para sua festa".

O DJ estava muito nervoso. Ele queria trabalhar e receber por isso, porque senão, ele perderia a noite. Durante todo o velório ele tocou Bola de Nieve e outros temas fúnebres. Em determinado momento, eu disse... "Chega! Não dá mais! Liga a bola giratória e as luzes coloridas para que se acendam!" Sergio gostaria de um velório assim, como um bom mão de vaca que era...

Até karaokê tínhamos planejado, mas pareceu incômodo usá-lo no velório. Embora vários convidados tenham avançado noite adentro, tem um momento que o velório se torna tão chato que já não se sabe mais o que fazer. Mesmo os policiais que estavam na porta poderiam ter cantado! Mas não!, não é muito conveniente cantar em velórios, apesar que outras culturas fazem isso... Sergio gostaria de um velório assim... porque como um bom mão de vaca que era, deve ter lamentado muito que algumas coisas na festa foram desperdiçadas...

(Reflete) Sergio era filho único... assim como minha sogra... assim como minha Brenda. Ser filho único deve ser hereditário...

Quem planeja morrer? Quem planeja morrer assim? Justo no momento da festa. (Chora sobre o caixão desconsolada) Estou convencida de que as pessoas intuem profundamente que vão morrer em determinado dia. Que aceitem isso já é outra coisa. Especialmente se a morte é repentina.

Velamos o Sergio e o levaram para o necrotério. Claro, como apareceu morto, porque como apareceu morto, assim como quem não quer a coisa...

(Pausa) O que fazer com o cadáver depois de levá-lo ao necrotério? Um pequeno velório só para os mais íntimos? Em casa, assim na sala de estar, olhando as cinzas, no caso de me deixarem cremar?

Ser viúva é uma porcária, um desastre. Por outro lado, o viúvo é outra coisa, é mais sexy. As mulheres ficam loucas por viúvos, querem consolá-los em sua solidão. Viúvas em vez disso são sempre jogadas de lado. Já imagino... "Vamos convidar essa viúva aí que anda sempre amarga..." (Sai)

As luzes se apagam, fica apenas a casa de bonecas iluminada. Volta a luz. Entra a empregada doméstica, uma mulher sessentona, com corpo e voz pesados e marcada pelo mal humor. Veste um jaleco de porteiro de escola. Desenha o corpo de Sergio no chão com um giz. Fala com um sotaque do Nordeste.

Empregada doméstica: A morte me persegue. Dou dois passos, ela se aproxima dois passos. Eu me afasto dois passos, ela se afasta dois passos (Irritada) É pior do que a utopia de Galeano. Tristeza pela morte do patrão, fazer o que, a gente se acostuma (Pausa) A morte me persegue. Dou dois

passos, ela se aproxima dois passos. Eu me afasto dois passos, ela se aproxima dois passos. Toda casa onde vou, morre um patrão. Sempre. Vou pra uma casa e ele morre, vou pra outra e ele morre, vou para outra, ele morre... (Pausa, reflete) Aquele que morre não é sempre o mesmo. Que morra várias vezes o mesmo... isso sim que é difícil! (Silêncio)

Fiquei olhando no chão o desenho do Seu Sergio. (Olha o desenho) Muito parecido com o Seu Sergio... Queria jogar cãndida para desinfetar o corpo, o desenho, mas não me deixaram. Acho que sou testemunha ocular. Estou guardando suas impressões oculares, não sei se teve catarata, se não... as impressões, as impressões... digitais, isso! (Chorando) O corpo do Seu Sergio morreu, e por consequência, ele morreu por inteiro! (Pausa)

A morte me persegue. Dou dois passos, ela dá dois passos. Eu me afasto dois passos, ela se aproxima dois passos... (Confusa) Chega Galeano! Chega!

Não fui ao velório, já que não me convidaram para a festa, não fui! A patroa está derreada. Dias antes da morte andava nervosa com os preparativos da festa. Eles não se falavam. Brigavam mais que cão e gato.

O chinês da esquina me contou que a patroa... (Pausa, pensa) Mas eu gosto, quero dizer, gostava mais do patrão que da patroa, porque quando eu tava pronta para sair, ela me mandava limpar alguma coisa. Um inferno! Marianaia, limpa aqui, Marinaia limpa ali! Marianaia... (Fica cada vez mais com raiva) Não vem não, comigo não! Se ela quiser, eu fico! Eu não me apresso, ela me paga por hora, não por diária. Gostava mesmo era do seu Sergio, homem bão, que deus o tenha! Vou cobrar o zóio da cara pra ficar aqui cuidando do desenho dele.

(Apaga com desgosto uma parte do corpo desenhada no chão. Secretamente a corrige. Se recompõe).

Por exemplo, a sogra da patroa liga pra ela e ela manda dizer que não está. Então eu atendo o telefone e a sogra dela fala comigo, fala, fala... e depois ela não quer me pagar essas horas que eu fico falando com a sogra. Pode isso? (Brava) Porque as sogras me perseguem, a morte me persegue, Galeano me perseg... (Interrompe, reflete) Acho que as pessoas não se parecem entre si, é a mistura de coisas, (Afirmando) acho que é assim (**Vai até a casa de bonecas e mostra a que representa Talula**). A patroa é a mistura de um porco-espinho com espinafre, os espinhos saem da língua. Escutei ela falar (Levanta o caixãozinho e mostra para o público) Seu Sergio é... (Corrigindo) ... era uma mistura de juiz de futebol com um copinho de sorvete. (Levanta a boneca da Talula) Mistura rara: sorvete de espinafre, ninguém gosta. (Levanta a boneca da filha adolescente) A menina, Ai, a menina!: (Olha pra ela fixamente e ajeita seus cabelos) Ela é uma mistura de um Teletubie com uma Barbie estropiada, ela se olha no espelho e acha que é uma modelo da Tevê. Eu pergunto pra patroa: Quando que a menina quando vai trazer um namorado pra casa? Ela diz que nunca, que em casa não entra nenhum namorado. Mas adivinha? (sarcástica) No esquina, ali no escurinho ele entra com certeza! Não é basta parecer, tem que ser!

(Fala com o público e um vizinho, através de uma suposta janela)

Tudo bem? Como é que tá? Cuidando do jardim? Mudaram os anões de lugar? Ihhhh... deve ser o vento! Me deixaram aqui cuidando do desenho do seu Sérgio, eu acho que eu sou uma testemunha ocular. A questão é o que matou ele. Não é o corpo em delito, mas o corpo que praticou o delito,

entende? O corpo de-lito. A arma do crime. A polícia acha que é formicida... Eu também, pra mim foi a saúva que comeu a dama da noite. Estão procurando do motivo do rímel. Que absurdo! Como podem umas coisas dessas? Seu Sergio não era um travesti, ele era bancário. É verdade que ele tinha uma saúde delicada, mas não tinha trejeitos, não era gay, ele era mais macho que o Charles Bronson. Que o Ringo Bonavena, aquele boxeador argentino que morreu na porta de um puteiro... O que você disse, que foi uma prostituta que o matou? (vai até o corpo de Sergio desenhado no chão). Sim, é possível... (faz o sinal da cruz, fala pra coxia) Já vou! Se me chamam, eu vou! (grita) Marinaia! Já vou, já vou! Chamou, eu vou... sempre! (Sai)

Música. Projeção no telão de fundo de imagens do Facebook da Brenda, a filha adolescente, durante a projeção, ela é vista conversando na rede social com sua amiga Carito por chat enquanto organiza uma saída pra dançar com um jovem que a paquera. Entra vestida de uniforme escolar com lenços descartáveis colados no rosto. Sua imagem é exatamente igual à da boneca que lhe representa. Ela chora inconsolavelmente. Expressa dificuldade pra enxergar, procura seus óculos no bolso, coloca-os completando a imagem do personagem. Ao falar, se nota a presença de um aparelho ortodôntico.

Brendita: Quando eu choro, meus olhos ficam inchados. (Afirmando) É... (Mostra os lenços) É para que meus olhos não inchem, senão fico parecendo um hipopótamo.

(Senta-se no chão ao lado do desenho do cadáver)

Eu tava na casa da Carito. A Carito é minha melhor amiga. É... É... (Toca o celular, se assusta, procura o celular, atende) Olá! Tem alguém aí? (Para o público) Não tem ninguém! (Olha para o celular) Ah, é uma mensagem no zap! (Escreve a resposta reproduzindo o sons de um smartphone, se emociona. Chora.) Ainda bem que eu consegui me despedir dele. (Afirma) Me fez assim com a mãozinha (move a mão) quando eu estava saindo. Essa era a maneira dele de dizer que me amava. Porque meu pai não era muito expressivo, aliás meu pai não era nada expressivo, não apitava nada.... (Olha o desenho do pai no chão, se assusta, se afasta). Tá vendo? Não mudou nada!

Minha mãe me ligou na casa da Carito (Afirma) É.. é... a Carito me disse pra ficar na casa dela porque já que ele estava morto, não havia mais nada a fazer. Impressionante! A mãe de Carito nesses últimos tempos sempre, sempre perguntava pelo meu pai... Meu pai nesses últimos tempos sempre, sempre perguntava pela mãe de Carito. O chinês da esquina sempre, sempre, sempre perguntava pra mim se... (encolhe os ombros) Os pais de Carito se separaram, foi bom eles fazerem isso! Assim como mamãe, ela estava entusiasmada com alguma coisa: estava organizando a festa dos vinte e cinco anos de casamento (Afirma) Eu não! Não tive festa de quinze anos, porque o papai era um mão de vaca descarado. (Afirmado) É verdade... (Chora) Ele dizia que eu aos quinze anos ia parecer uma bolota disfarçada de bolo (Se olha) Ele estava certo! (Chora ainda mais, se joga no chão sobre o desenho de Sergio) Mas agora o papai morreu e eu fiquei sem festa, sem um presente de dezesseis anos e sem nada (Toca o celular, ela atende).

Alô! gorda... É você? Espera só um pouquinho que estou terminando uma coisa (Volta para o chão e chora, ameaça voltar para o telefone, mas percebe que apagou parte do desenho do corpo do pai) Alô, Gorda! consegue esperar só mais um pouquinho? (Olha em volta, com um lenço descartável apaga o resto do desenho do corpo do pai no chão. Volta para o celular) Agora sim. O que houve? Não, gorda, nem pensar, tá muito complicado... você não pode entrar! Tá cheio de policiais. O que você quer saber? Se tem algum policial sarado? Carito, todo policial é sarado! Não, isso não reparei. Perai, um deles vem vindo... nossa! Esse é daqueles, como você diz... te...! Não, Carito, não dá, não vão te deixar entrar! Eu sou filha, por isso me deixaram entrar, eu tenho o DNA estampado na cara! Eu sou a cara dele! (Pausa) O que faço agora, Carito? (Chora) Papai me dizia que eu custava dois mil e quinhentos reais por mês. E agora, quem vai pagar essa grana? (Pausa) É mesmo? Olha, digita no Google: "pessoa morta", "pensão para órfão de pai" (Afirma) Isso, isso... Sério?... Olha... A gente desliga, vamos pro facebook, você curte meus post sobre ele e posta mensagens de apoio, posta no insta, no twitter, no Messenger... agora preciso desliga, tenho que chorar um pouco mais... (Sai)

Música. No telão ao fundo, projeção de novas imagens do Facebook da Brenda, que cria o evento "O Velório do Papai" no qual expressa a tristeza pela morte do pai e convida os amigos para a participar do funeral no salão de festas.

Blackout

Entra A Viúva, Talula, cantarolando "My heart belongs to daddy" enquanto arrasta uma mesa de rodinhas com uma bandeja de sanduíches de carne.

Talula: Trouxe para vocês, meus convidados... pernil flambado!

Convida os espectadores. Improvisa conversando com eles, dando a cada um, o caráter de parente. Tios, primos, amigos de infância, vizinhos são recebidos e convidados a comer. Quando Talula se certifica que todos estão comendo, continua falando.

Talula: E pensar que existem pessoas que comem cadáveres recém assassinados...! (cobrindo-se) Vocês não acham que estão comendo o Sergio, né?... Levaram ele pro necrotério! Eu contei que o Sergio foi meu primeiro namorado? Aquele com a metade da medalhinha. Sempre sonhei com meu casamento. Chegar ao altar vestida de branco. E foi de branco pra valer, porque eu casei virgem. Sergio foi o único homem que conheci... sexualmente. Não me arrependo... acho. Como não conheci a nenhum outro homem, não sei o que perdi. (Pausa) Ele tinha suas coisas, ele era um pouco frágil. As pessoas riam, porque ao contrário do que sempre acontece, quem sempre fazia as tarefas braçais era eu (Ri) É sério, tenho muita força... Levanto poltronas, armários com roupa e tudo. Até o carro já empurrei mais de uma vez. Porque como Sergio era um mão de vaca, imaginem como era o carro. Ainda por cima, me jogava na cara! Eu me sinto muito feminina. Não uma tarada com a mãe da Carito, a amiga de Brenda, que não é feminina, é uma verdadeira idiota. Nem se compara comigo. Que ele tenha me comparado... Bom, que homem que não compara... Eles te comparam com a mãe, com as vizinhas, com as meninas que aparecem na televisão. Uma sempre sai perdendo. Sobretudo

ultimamente que andava pirado na internet. Criou um perfil no Facebook. Eu o espionava. Tive que abrir um perfil fake. Só para ver o que estava fazendo. Fazia coisas de moleque... Deixava mensagens nos murais, que nem sei por que se chamam assim já que não se parecem em nada com uma parede, são lugares vazios, nem mesmo tem um tijolo desenhado. Escrevia no "muro" da Adela, a mãe de Carito, se fazia de bobo, meio adolescente. Também veja como é que é a outra! (Pausa) Às vezes as mulheres têm que fingir que não veem certas coisas. Basicamente, para ficarem tranquilas, sem brigar o tempo todo. Se não há provas confiáveis, a gente acaba passando por ciumenta, te acusam de mania de perseguição, eu que sei... Na verdade, nos últimos tempos eu estava tão feliz com os preparativos que nada no mundo me importava mais. Acho que estava mais feliz do que com a minha própria festa de casamento. E pensar que naquela época eu sonhava com tanta felicidade. (Pausa) Uma pena que não pode ser assim... (Pausa) Sobre a festa, eu digo!

Para a festa eu havia contratado um fotógrafo, não consegui suspender o trabalho, então ele fez um álbum maravilhoso do velório, mostro pra vocês. Mostra as fotos projetadas no telão de fundo. Descreve-as. Estão editadas com música de fundo e com a mesma dinâmica dos vídeos que são realizados para festas de quinze anos, casamentos, aniversários, etc. Se veem as bonecas da casa fotografadas no salão de festas em diferentes situações do velório: o cabeçalho com a foto do morto, a viúva e sua filha chorando em frente ao caixão, foto aérea da cena familiar, o chinês da esquina, as tias, a coroa de flores que foi feita com os enfeites de mesa, o

primo, imagem com frase alusiva ao encerramento no estilo "Você sempre estará presente em nossos corações", foto do morto com a sigla RIP.

Talula: Não será o álbum que sonhei, mas ... pelo menos as fotos saíram bem, não acham? (*Sai cantarolando "My heart belongs to daddy"*). *Vídeo do processo de cozimento de um pernil flambado com a receita na voz de Talula:*

"Se forem fazer um pernil flambado tenham em mente o seguinte: escolham um pernil médio, lembrem-se, pernis grandes correspondem a animais velhos e um animal velho não é boa coisa. Antes de descongelar, que demora cerca de seis ou sete horas, tempere a gosto e envolva em papel alumínio. Coloquem-no na grelha para que cozinhe lentamente, lembrem-se de servi-lo com enfeites e batatas chips. Bom apetite!"

Black out

Música, projeção de um jardim onde brotam anões de jardim. Entra a vizinha, lenço na cabeça e óculos de sol, no estilo de uma diva do cinema. Usa luvas de trabalho. Segura um regador, rega a tela e vão saindo mais anões sincronizados com a ação. Então a mulher sai da cena e volta com um anão de jardim em seus braços.

A Vizinha: Falei com a Marinaia. A que nunca se cala, quanto mais fala, tenta fugir da raia. A que trabalha por hora, a que sempre implora, a que dizia que Seu Sergio era da hora. Estou sempre em casa e não me prendo a nada, se algo me cansa, eu entro na dança. (Confusa oferece ao céu o anão que leva consigo) Os anões pararam de sorrir pra mim! Nos últimos

tempos aconteceram coisas muito estranhas. Apareciam... não sei se devo dizer... bem, ninguém está ouvindo... os anões apareciam em posições orgiásticas. Imaginem... Não, está bem, se não querem, não imaginem. (Embrala o anão em seus braços) Porque os anões captam as energias negativas. São seres sensíveis. São seres presos em seu corpo de estátua. Assim me asseguro que não vão longe... (Fala com o anão) Se continuarem se mexendo, vou enterrá-los no jardim... Não se assustem, vou enterrá-los na grama até os joelhos, não vou enterrá-los vivos! (Volta a se dirigir ao público) Eu dizia a vocês que eles são sensíveis. Captam as energias negativas desse forno aí... O finado Sergio era um mão de vaca compulsivo. Reclamava de tudo... toda hora, todo dia. Reclamava em silêncio, claro, porque a mulher não deixava ele falar. (Em cumplicidade com o público) Tava reparando no chinês da esquina, o chinês da esquina não fala uma palavra em português, mas nos entendemos tão bem! Ele me fez perceber tanta coisa! Quando o chinês aperta os olhinhos assim (Aperta os olhos) está questionando a realidade. Ele não perde uma. Ele me dizia, me dava a entender, que o Sergio estava de mau humor. Também com a mulher que ele tinha, o nome já diz tudo... Talula... parece um filhote de aranha, não? Boa mulher, bonita... É capaz de trazer meio boi se o açougue estiver em oferta. Econômica como ninguém... Também com aquele marido mão de vaca!

Mas... era perceptível que na cama não funcionava... E não é que eu goste de me meter na vida de ninguém. Pra mim, o coitado do Sergio morreu de amargura, só isso... (Abraça com sorruteiro erotismo ao anão) Imaginem, uma mulher fria como uma estátua ... como um anão de jardim. (Olha para

o anão, abraça-o. Beija-o. Cresce a libido do personagem) Que coincidência!

Sai dando pequenos gritinhos. Música. Os anões de jardim projetados dão saltos e se escondem nos mesmos cantos de onde apareceram. Muda a música, projeção em stop motion, fecha-se o caixãozinho, a Bonequinha de Brendita é retirada, a de Talula também, o caixão entra na penumbra. Entra Talula, A Viúva, usando uma bolsa e óculos escuros, traz uma caixinha de papelão. Abre a caixinha, se vê um punhado de cinzas.

Talula: Estas são as cinzas do Sergio. Acabei de trazê-las do necrotério em uma caixa de cocadas da Bahia. Que paradoxo, nunca fomos a Bahia. (Fala pra caixa) Nunca fomos a lugar nenhum, Sergio, nem a Europa, nem para as Cataratas, nem pro Rio, nem pro **Espirito Santo** você me levou. (Pausa, abre a caixa). Esta é a verdadeira essência de Sergio. O que resta dele. (Caem cinzas no chão) Desculpa! (Tenta desajeitadamente recolher o que caiu e colocar na caixa) Eu tenho uma amiga que começou a namorar um tipão. Em pouco tempo, ele a convidou pra viajarem com todas as despesas pagas. Ela estava feliz, imaginem!.. Uma tarde no Rio de Janeiro, ele tira uma urna de sua mala e lhe diz: tenho que ir à praia, mas não estou levando nem guarda-sol, nem isopor, tenho uma razão especial, convido você se quiser me acompanhar, não quero esconder nada, para que não haja ciúme entre nós. Vou cumprir uma promessa. Minha falecida esposa queria que eu espalhasse suas cinzas nas areias cariocas. E ela o acompanhou sem dizer uma palavra. Claro, a outra já estava morta! (Olhe para a caixa) Tá

vendo, Sergio? Você não merece nem sair da sala da sua casa, Sergio!
(Chora, se acalma, enxuga as lágrimas)

Você não merece minhas lágrimas, Sergio, como pode fazer isso comigo, justo no dia da festa do nosso aniversário? (Vai até a casa de bonecas, tira o corpo de Sergio do caixão)

Ainda me lembro da sua cara olhando pra mim ao lado do forno... Seu rosto iluminado pelo fogo do forno para cozinhar seu famoso pernil flambado. Me lembro da sua cara e de frases soltas... "É cansativo ouvir você falar o dia todo sem parar", "Não amo você", "Faz anos que saio com outra mulher", "Você a conhece, mas isso não importa", "Se eu escondi, foi por pena de você", "Você me dá pena, Talula, não sabe viver", "Eu não queria ter pena de você". Chega de falar pena!, pensei. De todas as palavras do mundo a que mais detesto é pena.

Toquei minha cabeça, os bobs ainda estavam no lugar, não podia me mover, não podia falar. Já não importava que me deixasse, que já não me amasse mais. A única coisa que realmente me importava era a vergonha daquela festa frustrada, do ano e meio fazendo preparativos para comemorar algo que já não existia, que eu tivesse passado por estúpida, por idiota, por abandonada...

Não disse uma única palavra, não reclamei, não pedi explicações... nada. Me aproximei lentamente do forno, o pernil congelado estava apoiado na grelha, Sergio me olhou desconcertado. Em um só movimento levantei o pernil e o quebrei contra a cabeça do Sergio com tanta sorte que ele morreu sem que o golpe deixasse grandes marcas. Não senti pena, nem um pouquinho.

Arrastei-o para a sala de estar perto de uma poltrona, corri até o forno e com a mesma força coloquei o pernil no fogo. Arrumei minhas roupas e ajustei os bobs. Saí para comprar os abacates para a guacamole. Cruzei com o chinês na esquina e me assustei. Era a primeira pessoa que via depois de fazer o que... fiz com Sergio. O chinês me olhou, percebeu que estava nervosa, mas isso me ajudou porque ensaiei a partir daí o maior sorriso que já dei na minha vida e estava na mercearia conversando com todos os vizinhos, de tão feliz que estava com a minha festa.

Voltei para casa acreditando tanto na minha própria mentira que até me surpreendi ao ver o Sergio estirado no chão e, é sério, deixei cair os abacates da sacola! O restante vocês já ouviram. A polícia disse que ele teve um ataque cardíaco e que na queda bateu com a cabeça nos braços da poltrona. Tive que aceitar. Não foi morte natural, mas é natural que tivesse morrido.... E a arma do crime desapareceu, na realidade, desaparecemos com ela, já que o pernil continuou cozinhando e comemos juntos, lembram? Estava muito gostoso, não?

Música, Talula começa a sorrir. As luzes se apagam lentamente.

A leitura da peça foi realizada em 27 de fevereiro de 2019, no Teatro Commune, com apoio da Lei de Fomento ao Teatro de São Paulo, sob a direção de Augusto Marin, com a presença da autora Sonia Daniel.